

Apresentação de Anne Brun¹

Celso Gutfreind²

Não soube como dar um título para essa intervenção. Várias possibilidades surgiram numa espécie de abertura, sem que nenhuma se impusesse. Ou fechasse. A aula do apego? O Professor Polvo? A professora de Victor Guerra?

Desenvolver um texto sem nome pareceu-me um bom sinal.

Se, para tudo, tem uma primeira vez, essa é a primeira que eu convido para uma Jornada. Ou participo da pré-abertura de seus trabalhos. Ou apresento a sua grande convidada que ainda não chegou. A ansiedade da primeira vez logo se mistura com a honra de dividir esse espaço com os colegas. Também por isso estou lendo o que escrevi. Não teria coragem, aqui e agora, para um improviso maior.

Agradeço à Cris Paixão (Passion, para a nossa convidada) e à Ane Marlise Rodrigues, em nome de toda essa comissão científica ágil e batuta da nossa próxima Jornada. Tão ágil e batuta que não foi qualquer convite o que me fizeram.

Foi algo mais ou menos assim:

— Poderias fazê-lo de uma forma criativa e informal?

A bem da verdade psíquica, construímos juntos essa demanda, como em um vínculo, em uma interação. Estava reconhecido como alguém que poderia fazê-lo criativa e informalmente, mas realmente conseguiria?

Mais ansiedade. Uma página em branco é sempre motivo dela. Sem ela, aliás, segundo a teoria de Melanie Klein e o depoimento da prática de tantos artistas, não haveria criação e sim repetição.

É possível ser criativo sob demanda?

Preencher a página em branco de forma criativa é sempre um grande desafio. É o que estou aqui tentando.

Nosso objetivo máximo em comum é transmitir, em maio, um gostinho de nos encontrarmos em novembro. De ouvir Anne Brun, em novembro.

¹ Conferencista na Jornada da Brasileira – O Nascimento do Eu, em 5/11/2021.

² Membro titular da SBPdePA.

É o que estamos aqui tentando.

Maio, novembro. Falando em marcas do tempo, ouço falar e leio Anne Brun há mais de duas décadas. Mas só a conheci pessoalmente há dois anos.

A história estranha e longeva é mais ou menos assim: vivi na França entre a segunda metade dos anos 1990 e o começo dos 2000. Não nos conhecemos lá. Anne Brun recém começava a trilhar os seus escritos. Quando voltei ao Brasil, através de Salvador Celia, ganhei um irmão uruguaio, o Victor Guerra. A nossa fraternidade adotiva foi digna de uma biológica, com direito a amor ambivalente, entre o irmão mais novo, no caso eu, e o mais velho, ele. Adianto os fatos psíquicos, pois essa ambivalência faz parte da trama com a qual estou brincando, na melhor acepção dessa palavra.

No começo desse século, Victor, já na qualidade (ou defeito) de ser meu irmão, decidiu desbravar a França, pouco tempo depois que eu voltei. Não só a desbravou, como foi reconhecido nela por figuras de pompa como Bernard Golse, Sylvain Missonnier e René Roussillon. Sei o quanto isso é difícil para um latino. Estamos na língua marginal, periférica, segundo a expressão de Mariano Horenstein. Eu sentia muito orgulho do meu irmão e também muito ciúmes (ou inveja) de vê-lo brilhando lá onde eu havia passado quase despercebido, senão como um aluno atento e com frequência desatento (de Golse), um colega querido (de Missonnier, companheiro de psicodrama psicanalítico em Bobigny). Além do mais, eu ainda guardava uma sensação jovialmente natural e onipotente de que a França era minha e de mais ninguém.

Victor não passava despercebido. Era agora chamado para os cursos de Golse. Roussillon queria ouvir as suas ideias. Victor se hospedava na casa deles (de Roussillon, conta-se que dormiu em seu consultório, se isso não foi uma bravata para fazer o caçula babar). Já eu, este seu irmão mais novo, em seis anos de França, nunca me hospedei na casa de um francês e, a trancos e barrancos, um dia tomei chá na casa de Serge Lebovici. Com hora marcada para entrar e sair. Conto em livro de crônicas parisienses que fiz um único amigo na França, e ele era meio italiano. Claro que isso poderia ser uma patologia individual, mas, em sendo, é de alta prevalência. Victor, como Salvador, fazia amigos franceses aos borbotões.

E sempre que vinha a Porto Alegre, meu irmão e eu, quase que invariavelmente, jantávamos na sexta à noite, dia mais comum de suas vindas, quando alternávamos silêncios ociosos com conversas animadas sobre a vida. Em muitas dessas, eu desejava saber da França, do seu encontro com os Grandes, sobre quem não raro fofocávamos. Bem, vamos com calma: a demanda foi ser criativo, não fofoqueiro.

Para retomar o rumo do que pode ser criativo, lá pelas tantas, há mais de vinte anos, ele me disse (tento imitar o seu sotaque como ele imitava o meu):

— Sabe, irmão, aprendo muito com todos esses gringos, mas quem mais me ensina é Anne Brun. Minha gurru, ele acrescentou.

Anne Brun? Mas quem seria essa Anne Brun, de quem eu nunca tinha ouvido falar...

Como éramos irmãos amigos também de textos, os nossos brinquedos maiores, Victor começou aos poucos a me enviar alguns artigos dela. Anne para mim, como leitor, acertava em todos. Achava-os brilhantes, de forma e conteúdo, ao propor os temas prediletos do meu irmão, que sempre foram o ritmo, os começos, a intersubjetividade, as interações precoces, os cenários do começo de uma vida.

Lá pelas tantas, desejei conhecer Anne Brun pessoalmente e aí a vida mostrou que um ciúme (ou uma inveja), uma ambivalência, enfim, costuma ter duplo sentido. Meu irmão nunca me apresentou para ela. Muitos artigos depois, cheguei a cogitar (com ele) que ela fosse uma espécie de Elena Ferrante, o pseudônimo de algum fantasma.

Ele ria, ria, como um típico irmão mais velho, com muita saúde e humor, mas continuava, talvez, com saúde também, aquela saúde de aceitar também os seus demônios, guardando Anne para si ou simplesmente tirando o chatola do caçula do caminho.

A essa altura, eu já sabia muito dela. Anne teve uma trajetória atípica para psicanalistas ligados à IPA, pelo menos fora da França. Formou-se primeiro em Letras, em Letras Clássicas, foi e é leitora profunda e erudita do cânone literário ocidental. Só depois graduou-se e pós-graduou-se em psicologia, antes discípula e depois colega de Roussillon, na Universidade de Lyon. Pertence a uma novíssima geração de psicanalistas franceses, pós-Roussillon e René Kaes, de quem também é discípula e com quem trabalhou.

Se eu fizesse uma apresentação formal, passaríamos a noite lendo o seu currículo, que ela me enviou, recheado da publicação de artigos em revistas nacionais e internacionais, capítulos de livros, organização de obras coletivas, livros individuais e projetos de pesquisa.

Seus temas prediletos são mesmo aqueles que encantaram e instruíram aquilo que Victor Guerra digerira a seu próprio modo criativo e que tanto nos ensinou. E encantou. Anne dedica-se a criar uma espécie de metapsicologia da nossa vida arcaica e primordial, como depois faria Victor brilhantemente, aproximando-se de Golse, Roussillon e tantos autores da psicanálise francesa, contemporâneos a ela ou anteriores.

Se Anne Brun parte, como todos, de Freud e do seu projeto para uma psicologia científica, entre outras referências, logo chega ao Laplanche dos significantes enigmáticos, ao Anzieu dos significantes formais, a Piera dos pictogramas, ao Stern da harmonização afetiva e tantos outros, incluindo sobretudo seu mestre

René Roussillon, no estudo das ditas patologias narcísico-identitárias e da simbolização primária, temas que o tornaram célebre no mundo todo e sobre os quais, junto com Anne, virá nos falar também.

Mas Anne tem a sua marca própria ou as suas marcas. Para discorrer sobre seus temas, ela mergulha na arte, na cultura, no cinema (é apaixonada por Almodóvar, sobre quem escreveu magistralmente em livro), na literatura. Mas, diferentemente de Freud, que foi o primeiro a mergulhar nessas artes que sustentam a sua e a nossa psicanálise, Anne mergulha também em criações contemporâneas, tanto as plásticas quanto as literárias. Lembremos que Freud era mais ou menos avesso às vanguardas de seu tempo.

Anne, não. Seus estudos sobre Michaux ou Artaud, entre tantos outros, são clássicos, pelo menos para mim. De seus livros lidos pirateados através de Victor Guerra, o que mais gosto é *As origens do processo criador*. Nele Anne sugere, a partir de Freud e sucessores, entre tantos conteúdos abertos em belas formas, que tudo nasce no corpo e do embate entre esse corpo e a figura materna, através do canal sensorial. Assim como Victor Guerra, se precisássemos resumir o seu trabalho em uma palavra, essa seria sensorialidade.

Decorre daí a sua nova grande marca, sobre a qual escreveu em livros individuais e coletivos, que é a mediação. Tal qual Roussillon, seu mestre, trabalhando com pacientes em estado-limite e psicóticos, tal qual uma Nise da Silveira, a quem, por razões óbvias, não conheceu, Anne utiliza a arte como forma de aproximação dos primórdios, do arcaico, do não dito, dos espaços catastróficos, do esboço da simbolização, todos expressados pela fala sutil e misteriosa do corpo, naqueles que disso estão em pane. A arte como o último e talvez também o único meio de chegar aos primórdios.

Mas a aplicação clínica de suas apuradas noções teóricas vai além e transcende os casos difíceis. Anne propõe, de certa forma, que estejamos atentos com todos os analisandos, incluindo os mais neuróticos, ao retorno na transferência de seus conteúdos sensório-motores e suas formas primitivas de expressá-lo. Ela fala disso também. Um corpo que agride ou que cala também está mandando alguma mensagem para a alma do vínculo em que está inserido. Lembrome aqui de um paciente adolescente, cuja mãe se deprimiu no pós-parto, e com quem meu contato mais verdadeiro deu-se através de uma troca musical, quando, ao longo de sessões a fio, batucávamos juntos em busca de alguma sintonia, ele deitado no divã e percutindo a ponta da cortina, eu sentado à minha poltrona e usando um livro grosso (a correspondência de Freud com Lou Andreas Salomé) como tamborim.

Não só a arte Anne utilizou, ela também postou-se antes, no terreno dos esboços de uma simbolização primária (Roussillon), pois chegou a realizar

uma oficina de cheiros nessas intervenções sociais e institucionais tão típicas de uma psicanálise francesa que, por diversas razões, incluindo políticas, é tão extramuros.

Psicanalista, psicanalista criativa, não se furta a dialogar e encontrar o outro.

Encontramo-nos pessoalmente e, finalmente, há dois anos, na Montevideo de nosso irmão Victor Guerra, em um encontro sobre mediações na clínica da infância. Desde então, de acordo com as suas disponibilidades, trocamos algumas figurinhas.

Entre as mais recentes, em busca de uma apresentação criativa de nossa convidada, destaco um poema e uma prosa que fiz, baseado na leitura de sua obra.

O poema retoma a importância que ela dá para o corpo, na obra do poeta Antonin Artaud, quando considera que somos e fomos todos poetas banhados pelo ritmo e as interações corpóreas. As criações, para ela, nascem em corpos vinculados.

Aqui o leio:

Antonin Brun

O corpo já foi
a casa das causas
o osso da tosse,
galgando gagueira,
oceano de sons,
assim era são
de pura verdade.

Feita a travessia,
tornou-se viçoso
e hoje o corpo
se o dia vai bem
entre a visão
e suas palavras,
é só consequência.

Não vou explicar o poema. Tal qual o psicanalista Quintana. Tal qual a psicanalista Ana. Quanto à prosa, trata-se de um breve texto que escrevi, baseado nas ideias de Anne, a respeito do filme *O professor polvo* (Octopus teacher), a que assisti recentemente.

A aula do apego³

Para Anne Brun, que ama o cinema.

Professor Polvo, documentário produzido pela Netflix, em 2020, abre-se para uma leitura que evoca os começos de uma vida. Tomado pela depressão que o paralisa como pai e cineasta, o protagonista, Craig Foster, retorna à sua praia de infância.

Praia, no sentido literal, com o retorno ao bangalô da família, situado à província do Cabo, na África do Sul, beira do Oceano Atlântico, em uma área de tormentas ameaçadoras. Pronto: a metáfora está lançada. Para começar, Craig precisará recomeçar e, para recomeçar, precisará mergulhar metaforicamente no (re)começo e, literalmente, nas águas. E o que pode ser mais ameaçador e tormentoso do que os começos de uma vida, borrifada de mortíferos fantasmas do não dito?

Há ali uma floresta de algas rasas, seguida de um mar profundo, para onde o protagonista se lança em mergulhos sem tubos de oxigênio, sustentado pelo seu próprio fôlego. É quando ele encontra, escondido sob uma caverna protegida por algas e pedras, um polvo. Para ele, uma “polva”. A partir daí, as cenas são ainda mais marcantes. Craig passa a visitar e a observar o molusco diariamente. No presente, estabelecem uma relação paulatina de confiança, a ponto de o bicho deixar-se acariciar pelo homem, a quem também acaricia, com suas ventosas. Elas envolvem carinhosamente o braço humano e depois o largam. E depois retornam e assim por diante. Aqui vale mencionar a pungente trilha sonora, prestando ótimos serviços à nossa metáfora da construção de um vínculo, inimaginável sem o poder da prosódia auditiva ou labial.

Nessa metáfora de um livre espectador, assistimos a uma (re)construção do apego seguro de um ser humano com um molusco, figura arcaica, mas nem por isso desprovida de anseio por uma confiança básica. Arcaicos, afinal, são os começos de um ser humano. Aí é que está: tal confiança, os laços em torno dela, os afetos por dentro são mesmo conteúdos arcaicos no desenvolvimento de um bebê, lá onde éramos partes, tentáculos em busca de uma integração e onde e quando habitávamos – paradoxo – um momento decisivo e complexo de nossas vidas. A figura do polvo, um invertebrado aparentemente primitivo, mas ao mesmo tempo capaz de movimentos complexos como uma camuflagem para defender-se dos perigos, é exemplar. E agora fica difícil guardar alguma dúvida sobre a importância dos começos.

³ Parte deste texto foi publicado no Jornal da Brasileira, vol. 24, n. 1, 2021, p. 6.

As visitas de Craig e a interação com a polva são diárias, permanentes. E fica fácil guardar uma evocação da mãe com o seu bebê. Torcemos por Craig e, sobretudo, pela polva, sujeita a ataques de tubarões e outras mazelas naturais de um ecossistema, nem por isso desprovido de amores. Fora das águas, torcemos pelas mães e seus bebês. Nas águas, lá pelas tantas, por mais que se protegesse de um ataque, um dos tentáculos da polva é amputado por um tubarão faminto e persistente. Sofremos com o seu ferimento, tememos pelo seu futuro, entristecemos pela incerteza dele, depois vibramos com a recuperação. E, mais adiante, com a regeneração desse tentáculo, dando-lhe o direito de viver naturalmente até o final do único ano de sua vida curta de polvo, não sem antes buscar outro polvo para procriar.

Vida curta como uma infância, mas suficiente para regenerar a infância de um humano, que, embora também curta, pode ter sido capaz de promover estragos nos anos seguintes e mais longos. Sofremos, de certa forma, com a sua morte, mas compartilhamos o alívio paradoxal de Craig, com a perda de seu objeto amoroso. Para ele, explicitado em sua fala, o final de uma obsessão. Para nós, implícito em nossas analogias, a possibilidade de fazer o luto dos primeiros anos, especialmente quando foram (re)borrifados de laços afetivos e estruturantes.

Craig já pode relançar-se ao trabalho, que é o filme, e reaproximar-se de Tom, que é o filho. E, se ao contrário de um arcaico polvo, nós, humanos, não podemos regenerar nenhum de nossos membros, guardamos como Craig a capacidade permanente de regenerar o nosso apego, tantas vezes machucado pela frieza dos começos. E, calorosamente, recomeçar. Cada sessão de análise é um recomeço – ensina-nos Anne Brun. Que reagiu a essas minhas notas, em dois momentos. No primeiro, expressou-se tocada pelas minhas palavras. Encheu-me de orgulho. No segundo, borrifada de pensamentos próprios e crendo que o debate supera o elogio, teria discordado do que eu havia dito. E acrescentado (traduzo parte do seu e-mail):

“Acredito que o herói do filme reencontrava um contato primário, primeiro pelo toque, através do fato de poder entrar em contato e misturar-se com ventosas de tentáculos tão ameaçadoras – a imagem final do polvo sobre o seu peito é mesmo emocionante – e a fascinação de seu olhar interrogaria a meu ver um olhar maternal: um olhar bem enigmático, mas ela, a polva, realmente o olha?”

E se fizéssemos a hipótese de um olhar amaternal ou imaternal, não capturável, essas trocas de olhar no fundo do mar não seriam capazes de restaurar o apego?”.

Aqui, aproximou-se da minha hipótese, mas acrescentou com ousadia e esperança, pois ousou acreditar, à minha leitura, que seria possível resgatar algo de maternal de um começo, mesmo lá onde sequer houve mãe.

Ao mostrar esse texto para Anne, temendo que pudesse estar cometendo alguma gafe, ela reafirmou que não havia discordado e sim acrescentado uma nova hipótese para pensarmos juntos, já que em essência estávamos dizendo a mesma coisa, ou seja, o quanto um reencontro com um polvo ou um analista pode, muito tempo depois, relançar-nos a (re)construção do que aconteceu (ou não aconteceu) muito antes.

Anne Brun, psicanalista, mulher, mãe, colega, mostra-se repleta de tentáculos voltados para espiar nossos começos. E não os considera inatingíveis, o que sempre apareceu em sua clínica falada e escrita e que não recusa situações limites. Ela não as considera imutáveis. Quanto a mim, eu sonho que pelo menos alguns desses tentáculos vão nos captar em novembro para que a gente possa fazer juntos uma viagem, da qual nos despediremos mais amorosos e menos incompletos. Se o meu coração tiver razão, recém é maio e já estamos sonhando juntos.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 24/03/2022
Aceito em: 24/03/2022

Celso Gutfreind
Av. Plínio Brasil Milano
(Pça. Alberto Ramos), 812 / 505
90520-050 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: celso.gut@terra.com.br